

NARRATIVAS (AUTO)BIOGRÁFICAS E A EXPERIÊNCIA HERMENÊUTICA NA FORMAÇÃO DE PROFESSORES PESQUISADORES

Me. Alessandra Londero Almeida- UFPel (alessandra_londero@hotmail.com)

Resumo: Este trabalho é um exercício reflexivo sobre as experiências e narrativas que compõem uma pesquisa de dissertação de mestrado realizada no período de 2020 a 2023 apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGE) da Universidade Federal de Pelotas (UFPel) na linha de pesquisa Formação de Professores, Ensino, Processos e Práticas Educativas. A escrita propõe como objetivo compreender os modos como as (auto)imagens da professora-pesquisadora se movem na medida em que a pesquisa (auto)biográfica é construída e socializada entre os pares de pesquisadores e de trabalho docente. A hipótese repousa no entendimento de que as narrativas da trajetória pessoal e profissional reverberam a confluência entre conhecimento de si e do outro e a aprendizagem compartilhada, figurando uma experiência hermenêutica de reconhecimento como professora-pesquisadora. Dessa maneira, direciono o olhar nas luzes de um horizonte de compreensão com base no exercício da escrita de si e no ato reflexivo da revisitação à história de pesquisa.

Palavras-chave: Formação de professores. Narrativas (auto)biográficas. Experiência hermenêutica.

Introdução

A memória é tecida a partir do presente, empurrando-nos para o passado, numa viagem imperdível e necessária, fundamental para que possamos produzir outros encadeamentos, outros modos de compreender o acontecido, outras possibilidades de narrativa, significando e ressignificando nossa história e produzindo novos sentidos para a nossa vida e para a vida de outros. (BENJAMIN, 1974, p. 695-701)

Essa escrita versa sobre os processos autobiográficos que compõem uma pesquisa de dissertação de Mestrado em Educação intitulada: Os caminhos da memória, da história e do esquecimento na formação de professores da infância. Esboço nas próximas linhas, as reflexões sobre a pesquisa mencionada, a fim de construir relações entre as narrativas autobiográficas tecidas e a experiência hermenêutica na formação de professores pesquisadores.

A pesquisa teve início com os registros da narrativa das minhas memórias de infância, e revelou-se como um momento de entrega ao texto, aos leitores e a mim, num processo de autoconhecimento e reconstrução de um imaginário acadêmico que fomentava o que seria de fato uma pesquisa de dissertação de mestrado e o quanto da minha constituição docente se insere nesse processo. Esse caminhar foi vagaroso, talvez um tanto receoso, e me fazia refletir sobre o quanto eu poderia falar em fragmentos de memórias, de histórias e de esquecimentos na universidade através de abordagens integrativas e formação humana. Desse modo, estudamos os caminhos que deveríamos trilhar para que nossa pesquisa fosse significativa no processo de formação de professores. Nossos passos foram se constituindo em meio às memórias e à historicidade das narrativas pessoais. Relembro a leitura de Butler (2017, p. 26) ao traduzir que as narrativas implicam numa “relação com o outro diante de quem falo e para quem falo. De modo que passo a existir como sujeito reflexivo no contexto da geração de um relato narrativo de mim mesma [...]”. Esse movimento reflexivo parece ocorrer em um processo de continuidade e circularidade entre a criança que fui e a docente/pesquisadora que me constituo.

Entendo ainda que, o processo de voltar o olhar e o pensamento à nossa infância, estudá-la a ponto de revivê-la com os sentimentos e as emoções que a foram compondo, não foi e nem continua sendo um caminho fácil, ou sempre alegre. Josso (2004, p. 39) aponta que a escrita de uma narrativa “exige uma atividade psicossomática em vários níveis, pois pressupõe a narração de si mesmo, sob o ângulo da sua formação por meio do recurso a recordações-referências, que balizam a duração de uma vida”. Nesse caminho autobiográfico, identifiquei diversas lembranças, recordei de inúmeras brincadeiras, mas também revivo os momentos, principalmente no contexto escolar, que me foram de sofrimento e angústia. Transcrever estas memórias foi, para além do exercício de escrita e produção acadêmica, um caminho repleto de significado e descoberta sobre minha própria subjetividade e professoralidade. Oliveira (2006, p. 98), de maneira sensível, escreve que “a narrativa de si nos faz adentrar em territórios existenciais, em representações, em significados construídos sobre a docência e sobre as aprendizagens elaboradas a partir da experiência”. Na perspectiva de Benjamin (1987), ao registrarmos nossas memórias e contarmos nossas histórias, preservamo-as do esquecimento e assim criamos a possibilidade de serem contadas e recontadas, com outros olhares e sentidos, na infinidade das relações com outras histórias. E

os novos sentidos se constituem no ato de rememorar, transcrever os acontecimentos de forma a ressignificá-los na nossa trajetória.

Entendo, dessa forma, que as narrativas autobiográficas não são solitárias, ao contrário, são marcadas pelo mergulho na profundidade das lembranças que, ao serem compartilhadas, constituem-se uma narratividade que (re)organiza as memórias, criando oportunidades para o reconhecimento das diferentes facetas do humano. Numa relação entre memória e sujeito, torna-se possível refletir sobre a vulnerabilidade da exposição, a qual deixa de lado a segurança de uma identidade “mascarada”, como diz Benjamin (1994), e assume uma possibilidade de ruptura, de experiência e construção de uma outra identidade renovada criticamente nesse processo de rememoração. A recordação dos eventos pessoais vividos no passado e as nossas lembranças de vida possuem uma estreita ligação entre presente e passado, que aproxima a ideia de entrecruzamento dos diferentes tempos constituídos pela memória autobiográfica (BENJAMIN, 1994). A memória, ainda para o autor, tem a ver com a procura, como algo a ser investido, envolve esforço para lembrarmos, para não esquecermos. E ao lembrar não mensuramos o resultado desse esforço, tampouco os sentimentos que podem ser despertados e, nesse sentido, tanto passado vivido quanto a memória são fundamentais para o processo de rememoração e construção da nossa subjetividade. O contar uma história permite que anunciemos ao mundo e a nós mesmos nosso próprio processo de desvelamento, como disse Abrahão (2004, p. 202): “ao narrar-se o sujeito desvela-se para si e revela-se para os outros”.

A recordação envolve também habilidades cognitivas, desde pequenos eventos como lembrar o caminho da casa para a escola, como também habilidades necessárias para escrever um livro narrando a história de uma vida. O ato de narrar aqui diz respeito a trazer ao presente as experiências vividas, o que não é comumente abordado nas escritas científicas e acadêmicas. Benjamin (1994, p. 197-198) retrata que:

[...] a arte de narrar está em vias de extinção. São cada vez mais raras as pessoas que sabem narrar devidamente. Quando se pede num grupo que alguém narre alguma coisa, o embaraço se generaliza. É como se estivéssemos privados de uma faculdade que nos parecia segura e inalienável: a faculdade de intercambiar experiências.

Através do processo de contar/narrar uma experiência ou uma lembrança, perpassam pelo processo formativo a constituição da nossa subjetividade e a oportunidade de autoformação profissional e pessoal.

Caminhos metodológicos

A pesquisa de dissertação configurou-se como uma abordagem qualitativa de cunho hermenêutico, e nesse viés fomos instigadas por Habermas (1987) a entender esse processo inicial como uma das pretensões da hermenêutica, buscamos portanto, não só a interpretação das narrativas tanto pessoais quanto coletivas, como também um sentido de compreensão, o que significa “primariamente entender-se na coisa, e só secundariamente: destacar e compreender a opinião do outro, enquanto uma tal” (HABERMAS, 1987, p. 91). Ainda nesse viés, o primeiro passo guiado foi transcrito pelas minhas memórias individuais, momento em que testemunho o meu encontro com a pesquisa e conseqüentemente com minha historicidade. É nesse processo contínuo e dialógico em que me insiro como uma “manifestação simbólica enquanto virtual participante do processo” (HABERMAS, 1987, p. 93). Ao narrar os meus processos formativos e mergulhar nas lembranças e recordações da minha infância, é relativamente fácil (o que não significa que não tenha sido, por vezes, doloroso) perceber que os sentimentos que permearam minha história foram tocados e adotam hoje novas significações e novos horizontes formativos. Em alguma medida, a escolha pelo caminho da docência é constituída, como descreve Pereira (2016, p. 50), pela personalidade e professoralidade que caminham juntas. Para o autor, a escolha pela docência é uma alternativa, “uma saída que o sujeito constrói a fim de realizar um projeto emergente em sua subjetividade”.

A pesquisa foi composta por um questionário exploratório realizado pelo grupo de estudos LabForma (Laboratório de Formação e Estudos da Infância) divulgado para os professores da Educação Infantil em maio do ano de 2021 intitulado **A docência na Educação Infantil**. Teve como objetivo coletar informações com os profissionais que atuam na Educação Infantil, buscando compreender suas demandas de formação e de trabalho, além de informações pessoais antes e durante o período de distanciamento social, dentre outros objetivos. O questionário almejou o fortalecimento de uma pedagogia da presença em meio ao cenário pandêmico, através da aproximação com os professores. Nomeamos como pedagogia da presença a forma como o grupo de pesquisa procurou proporcionar momentos de acolhimento e formação com os docentes atuantes no município de Pelotas e com os estudantes dos cursos de Pedagogia no período de distanciamento social, quando nossas rotinas se estruturam a partir de telas e microfones ajustados. Após, realizamos um convite à

narratividade dos professores através da roda de conversa estruturada com dinâmicas de mandalas.

Os encontros com os professores tiveram como foco inicial as questões da memória, da história e do esquecimento através das lembranças da infância, da formação e questões cotidianas (anseios, problemáticas e demandas enfrentadas nas escolas e diante da professoralidade). O conceito de circularidade, atrelado às mandalas, implica a memória da história e assim percorre os tempos de passado e presente que estão imbricados na historicidade da sua simbologia. Entendemos que as memórias dos professores são acompanhadas da sua historicidade com a formação, transitam pelo passado e pelo presente em suas práticas cotidianas diante das crianças.

Ao início de cada roda, propomos um momento inicial de meditação guiada com a intenção de acolher os sentimentos presentes internamente nos professores dentro da escola. Na medida em que convidamos nosso corpo e nossa mente a habitar o mesmo instante, compreendemos que é possível acessar de forma mais consciente nossas memórias, histórias e esquecimentos refletidos em nosso caminhar com a professoralidade. Depreendemos o entendimento de que aquilo que nos compõe no momento presente também carrega quem fomos durante nossa trajetória de vida, de modo que as dinâmicas das rodas de conversa suscitaram um reencontro com os sentimentos, presenças e silêncios encobertos pela rotina profissional e pessoal de cada professor.

Compartilho a experiência de que, ao iniciar o roteiro das rodas de conversa, racionalizei meus pensamentos de modo, talvez, apenas prescritivo: 1) ouvir as vozes dos professores da infância em um cenário habitado pelo meu fazer docente; 2) transcrever suas narrativas em nossos dados de pesquisa. Ou seja, como plano de fundo eu até poderia entender estar diante de sentimentos que se interligam entre a ansiedade pela escuta e o conforto pelo cenário conhecido, e que como resultado estaria diante dos dados e futuras compreensões. Um percurso que, de fato, também ocorreu, contudo meu pensamento racionalizado naquele momento não permitiu a contemplação consciente de que nossos dados de pesquisa seriam carregados de entrega, sentimentos, afetos, conexão com memórias e histórias compartilhadas entre todos os sujeitos presentes nas rodas, em cada subjetividade que foi tecida de forma sensível e protegida pelo vínculo criado entre pesquisadores e sujeitos. Embora imbricada pela hermenêutica dos sentidos que percorrem o caminhar da pesquisa, por vezes, nosso “ser” constituído por um modo fragmentado de aprendizagem com primórdios

desde nosso processo de escolarização reverbera na opacidade do encontro com um novo horizonte formativo. O formar-se nesse caminho é sempre a busca de sentidos que nos encontramos, no cenário em que narrei, no encontro com os professores que mostraram o quanto nossas rodas de conversa foram além das elaborações pré-escritas. O quanto nossos dados de pesquisa demonstram histórias de vida compartilhadas, percursos que, na medida em que foram acessados, não retornam ao passado sem as interpelações do presente. Memórias e histórias entregues às suas próprias interpretações e também às interpretações futuras. É para esse novo horizonte formativo que voltamos nosso olhar compreensivo e somos capazes de reconstruir hermenêuticamente nossas crenças e tradições.

A continuidade do caminho hermenêutico na formação

Entendo o processo de escrita e pesquisa nas entrelinhas de uma co-relação entre sentimentos e historicidade imbricados pelas memórias tecidas, que se desvelam na subjetividade de minha professoralidade, fato que também guia minha forma de tornar-me pesquisadora. Souza (2006, p. 27) compreende essa ligação como um processo de “dimensão interativa e dialógica” no campo de pesquisa, que na abordagem biográfica “possibilita apreender as memórias e histórias de formação no sentido da investigação/formação tanto para o pesquisador, quanto para os sujeitos envolvidos e implicados com o projeto de formação”. Possivelmente, quando estabelecemos um fio narrativo entre nossas memórias individuais e coletivas e a bagagem histórica e cultural tornamo-nos mais conscientes e solidários diante de um mundo comum, reconhecemos um pouco mais os fragmentos que nos constituíram e moveram nossas escolhas pessoais e profissionais. Somos atravessados nesse percurso por lembranças ou esquecimentos imbricados em nossas memórias e em nossas histórias, por vezes escondidas ou não mencionadas no processo de formação.

Percebo ainda, que esta escrita é também um movimento de não esquecimento de si, como lembra Benjamin (1974, p. 695) em nossa epígrafe, ao compartilhar minhas narrativas construo a possibilidade de “produzir outros encadeamentos, outros modos de compreender o acontecido” e, desse modo sou atravessada pela ressignificação da minha história, imbricada por novos sentidos na formação humana e profissional. O ato de escrever sobre o exercício reflexivo de uma autêntica experiência hermenêutica na formação pessoal através das narrativas (auto)biográficas no trabalho de dissertação, possivelmente vai além de um

percurso de escrita e produção acadêmica, percorre por sua vez um caminho repleto de significado e descoberta sobre subjetividades e formação humana. Ademais, compreendemos que os sentidos são produzidos no movimento de (re)acesso aos percursos de pesquisa e são neles reveladas as vivências e experiências na formação pessoal. Esse movimento, possivelmente reverbera a confluência entre conhecimento de si e do outro, a aprendizagem compartilhada e a constituição docente dos pesquisadores.

Considerações finais

O trabalho propôs a partilha do exercício reflexivo sobre os processos formativos que compõem a historicidade com uma pesquisa de dissertação de mestrado. Além disso, elucida a relevância dos processos que nos convidam a adentrar nas bases de uma formação humana. Enquanto pesquisadora, pude entender-me dentro do processo das minhas memórias pessoais, encontrar minha historicidade e refletir sobre os possíveis esquecimentos diante da minha formação. Tal caminho reverberou em memórias acessadas através de objetos pessoais e outras que talvez não foram narradas ou acessadas de modo consciente. Porém, não deixaram de ditar os moldes da minha personalidade, os anseios e medos da vida adulta. Encará-los fez parte de um processo de autoconhecimento que exigiu além de coragem, disposição de abrir espaços para que tais emoções pudessem ser sentidas, evocadas e validadas por uma professora/pesquisadora que, no início desse movimento de pesquisa acadêmica, talvez, não imaginasse o quanto de vulnerabilidade e entrega seriam necessárias para que, de fato, fossem acessados os caminhos de memória, história e esquecimento na minha formação.

Esse processo com as narrativas (auto)biográficas potencializa o esforço de uma autêntica experiência hermenêutica ao revelar o impacto no si mesmo. Ademais, visa atribuir sentido àquilo que desejamos e escolhemos pesquisar em nosso percurso acadêmico.

Referências bibliográficas

ABRAHÃO, Maria Helena M. B. In. ABRAHÃO, M. H. M. B. (org) **A aventura (auto)biográfica: teoria e empiria**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2004.

BENJAMIN, Walter. **Passagens**. org. W. Bolle e O. Matos, tradução Cleonice Paes Barreto Mourão e Irene Aron, São Paulo: Editora UFMG e Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2006.

_____. *Gesammelte Schriften*. Frankfurt a.M.: Suhrkamp, vol. I, 1974.

BENJAMIN, W. O narrador: considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. In: BENJAMIN, W. **Magia e técnica, arte e política: obras escolhidas**. v. 1, 7ª ed. São Paulo: Editora Brasiliense, 1987.

BENJAMIN, W. **Obras escolhidas**. Magia e técnica, arte e política (7a ed.). São Paulo: Brasiliense, 1994.

BUTLER, Judith. **Relatar a si mesmo: crítica da violência ética**; tradução Rogério Bettoni. 1. ed.; 3 reimp. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2017.

HABERMAS, Jürgen. **Dialética e hermenêutica**: para a crítica da hermenêutica de Gadamer. Porto Alegre: LPM. 1987.

JOSSO, Marie-Christine. **Experiências de vida e formação**. 2. Ed. São Paulo: Cortez, 2004.

OLIVEIRA, V. F.. **Narrativas e saberes docentes**. Ijuí: Editora Unijuí, 2006.

PEREIRA, Marcos, V. **Estética da professoralidade: um estudo crítico sobre a formação do professor**. Santa Maria: Ed. da UFSM, 2016.

SOUZA, Elizeu Clementino de. A arte de contar e trocar experiências: reflexões teórico-metodológicas sobre história de vida em formação. **Revista Educação em Questão**, Natal, v. 25, n. 11, p. 22-39, jan./abr. 2006. Disponível em: <https://periodicos.ufrn.br/educacaoemquestao/article/view/8285/5958>. Acesso em: nov/2023.